

“Um fator de expansão da base monetária”

por Wanda Jorge
de Campinas

A conversão da dívida externa é um dos fatores que vêm pressionando a expansão da base monetária, mas não é o mais importante deles. Antes dela, estão pelo menos o superávit comercial e a conversão informal que influem com mais força na emissão da moeda do Banco Central (BC), afirma Francisco Gros, diretor-presidente da Aracruz Celulose e ex-presidente do Banco Central, no período de fevereiro a maio de 1987.

Na opinião de Gros, a conversão da dívida, embora seja um projeto importante, é o mais vulnerável. E pode ser inibida no esforço para se reduzir a base monetária. Segundo ele, a proposta original de conversão enfatizando prioritariamente projetos de investimentos, que efetivamente elevassem a capacidade de produção da economia brasileira, era dificilmente atacável.

O rumo que o projeto tomou, no entanto, em que há concentração em pequenos projetos e multinacionais, e fica difícil inclusive se identificar para onde vai o dinheiro — torna-o visado. Para Gros, o empresariado nacional de porte não se levantou para defender a conversão e pode ser eliminado num programa de contenção. “Há poucos defensores de peso, embora este seja um projeto importante para a retomada de investimentos.”

O impacto de US\$ 150 milhões por mês na economia — o valor ofertado em cada leilão de conversão — é grande, mas Gros considera que há efeitos positivos, principalmente se os recursos fossem redirecionados para setores prioritários.

Até agora foram realizados cinco leilões da dívida, que resultaram no investimento de US\$ 750 milhões, diz Gros. Mas esse número, lembrou, aumenta muito com a conversão informal, que Gros diz ser difícil de contabilizar. A conversão informal, segundo informações extra-oficiais, pode ter atingido US\$ 3 bilhões.

A opção por um tipo de conversão mais liberal, diz Gros, representa forte emissão de moeda na atual conjuntura. As operações, continuou, difíceis de se identificar, pois ocorrem com frequência como forma de repatriação de capital; e interessam muito aos bancos e às empresas que delas se beneficiaram. Apesar dos desvirtuamentos que acabaram ocorrendo, Gros afirma que o governo deve continuar com o processo de conversão para estimular a retomada dos investimentos.

Quanto à conversão em exportação, ele considera um mecanismo muito difícil de se administrar e com forte perspectiva de abusos. “Como diferenciar um mercado não tradicional ou mesmo um produto não tradicional, que teria vantagens nesta forma de conversão? Esta seria uma questão muito complicada”, diz Gros, pois daria um poder de arbítrio muito grande ao criar canais de exportação extremamente favorecidos.